

## RESENHA BIBLIOGRÁFICA (\*).

BARK (William Carroll). — **The origins of the Medieval World**. Stanford University Press, 1958, 162 págs.

No panorama atual dos estudos históricos, sempre levará vantagem quem defender um ponto de vista orientado pela idéia da História como um processo ininterrupto, como um fluxo contínuo, a lembrar-nos a velha imagem de Heraclito: um rio, aparentemente sempre o mesmo, e no entretanto mudando de instante a instante. Deveras, é difícil imaginarmos uma tese que, dando a um momento a primazia sobre o processo, valorizando demasiado um episódio em detrimento do complexo encadeamento dos fatos, não seja logo alvo de cômodos ataques. Os inúmeros trabalhos compostos acerca do início da Idade Média no Ocidente confirmam-nos esta facilidade, enquadrando-se entre eles o volume em questão, integrado na série **Stanford Studies in History, Economics and Political Science**, de autoria do Prof. W. C. Bark. Decididamente é favorável à predominância do processo sobre o momento histórico, segundo verificamos expressamente em várias passagens (cf. págs. 38, 58, 59, 60, 87, etc.), o Autor toma posição de violenta hostilidade a Henri Pirenne, sob pretexto de ser este um meio mais fácil de se iniciarem as considerações tocantes ao “problema da Idade Média” (pág. 7). Ao medievalista belga, assim, cabe um papel de bode expiatório, pois concluímos serem atacados, sob seu nome, diversos autores não mencionados e, portanto, injustamente poupados pela veemência das expressões do prof. Bark. Na realidade, em se tratando de examinar a tese de Pirenne, à semelhança do que se faz no caso presente, julgamos ser de interesse uma pesquisa um pouquinho mais acurada, independentemente do perigo de transbordar dos limites a si mesmo fixados pelo Autor. A lembrança do nome de Gutschmid, por exemplo, cujo ensaio **Die Grenze zwischen Altertum und Mittelalter** [**Die Grenzboten** 22 (1863) págs. 330 e ss.] pode ser tido como um precursor do **Mahomet et Charlemagne**, seria aqui bem conveniente, quando não no texto, ao menos na bibliografia final; poderia o leitor, partindo dêle, chegar a uma visão do desenvolvimento de uma tese que, certamente, foi condicionada pelas características da Europa sua contemporânea. Tal atitude seria tanto mais recomendável, quanto o livro do Prof. Bark é um exemplo frisante da maneira pela qual o mundo ambiente determina a visão do passado. O Autor, aliás, parece incluir-se na linha de intelectuais norte-americanos que encaram como sua função primacial a permanente reflexão sobre problemas e tendências do presente, com uma correspondente atitude crítica frente aos mesmos. Não se expõe êle, assim, à acusação de passividade diante do mundo que o cerca, pois jamais perde de vista a posição dos Estados Unidos em nossos dias, afirmando

(\*) . — Solicitamos dos Srs. Autores e Editôres o envio de suas publicações para a competente crítica bibliográfica (*Nota da Redação*).

claramente serem as questões relativas ao seu tema dignas de considerações **for the citizens of a democracy in any age, not least our own** (pág. 1). Temos, em consequência, uma visão das origens da Idade Média pelo prisma norte-americano. Isto se faz de maneira evidente, a ponto de nos levar, muitas vèzes, à idéia de uma transposição pura e simples de um plano para outro. As preocupações econômicas, e preocupações econômicas correspondentes a um nível tipicamente americano — frisemos — invocam-se em palavras que não permitem qualquer dúvida, como se vê: **The essencial economic consideration for a complicated society, as the contemporary world knows, is not simply the existence of abundant gold supplies, but rather the ability to produce and distribute abundant wealth and to use enough of it peacefully and efficiently for the maintenance of an adequate standard of living** (pág. 36). Partindo desta base, discutem-se então aspectos do fim do Império Romano. Ora, tal como se apresenta, um procedimento desta ordem parece-nos excessivamente violento perante a História, e é êste traço, não obstante, que caracteriza tôda a obra em questão. A tese que o Autor se propõe defender, por outro lado, não pode ser tida como nova, a julgarmos por suas próprias palavras: **The primary thesis (...) of this work as a whole, is that something new, distinct and essentially original began in the Western European portion of the Roman Empire; that its elements are distinguishable by the fourth century, and some of them earlier. This "something" is perhaps best described as a new attitude toward life** (pág. 69). Nada de novo, também, quando o Autor atribui grande importância ao reinado de Constantino, apesar da maneira enfática como o faz (cf. pág. 42); lembremos, a tal respeito, que a longa lista dos autores para os quais o período constantiniano é o mais apropriado para assinalar o início da Idade Média inaugurou-se — tanto quanto sabemos — em pleno século XVII, com o nome de Christoph Keller, da Universidade de Halle, em seus compêndios **Historia Antiqua** (1685) e **Historia Medii Aevii** (1688). A novidade da tese do Prof. Bark residiria, talvez, na alegada "nova atitude perante a vida". Isto mesmo, porém, já estaria contido nas palavras de Rostovtzeff, citadas, aliás, pelo próprio Autor: **What happened was a slow and gradual change, "a shifting of values in the consciousness of men"** (pág. 64; as aspas são nossas). Restamos, enfim, o recurso à interpretação nova de um velho tema, através da visão dos Estados Unidos frente à Europa, assumindo consciência de novos valores e esforçando-se por afirmar sua autonomia espiritual. Até mesmo a insistência do Autor em aplicar a expressão **new world** à Idade Média traz-nos à mente, por oposição, os **old countries**, designativos das terras dos ancestrais dos norte-americanos de hoje. E' conveniente, mesmo, recorrermos mais uma vez a algumas de suas passagens, não só para melhor esclarecer nossa opinião, como também a fim de evitar suspeitas de precipitação no nosso julgamento. Vejamos, por exemplo, o seguinte: **Perhaps it is not too much to say that medieval society was functional in ways not even dreamed of by antiquity and leading to ends beyond the**

imagination of earlier times. By “functional” I mean that it was a working, striving society, impelled to pioneer, forced to experiment, often making mistakes but also drawing upon the energies of its people much more fully than its predecessors, and eventually allowing them much fuller and freer scope for developments (pág. 70). Ou, então, estas linhas: **The test of their merit as creators of a civilization was whether they “could” learn, and learn better than their predecessors had learned. It is because they proved to possess this capacity to learn, and ultimately, after long and difficult centuries, to create a civilization which was richer than the Roman, more humane, more conducive to a individual dignity and responsibility, that one cannot accept the end of classical civilization in the West as an unmitigated catastrophe** (pág. 88). Não nos sentimos, em ambos os casos, tentados a substituir Idade Média e Antigüidade por América e Europa, especialmente América e Europa de após segunda guerra mundial? Não nos lembramos, até, das palavras do general Patton, quando do desembarque aliado na Sicília, em 1943, ao opor a liberdade encontrada pelos imigrantes alemães e italianos na América à servidão dos que permaneceram na mãe pátria?

São inegáveis no volume, por outro lado, diversos aspectos negativos, conduzindo-nos a não lhe atribuir grande valor para o estudo de Idade Média pròpriamente dita. Destacam-se freqüentes repetições de banalidades (cf. págs. 29, 30, 73), frases de interpretação perigosa (**It is harder to tell all that happened in the West than to tell what it meant**, pág. 104), relações de duvidosa valia (**For whom was the Roman failure bad? — Certainly not for the present age...**, pág. 105) e um certo dogmatismo que se expressa, por exemplo, na insistente segurança quanto ao emprêgo da palavra “realidade” (cf. págs. 19, 22, 28, etc.). Duas facetas positivas, em compensação, saltam aos olhos: o valor documental para o estudo dos esforços de autonomia da intelectualidade norte-americana frente à Europa e — como já dissemos — a ênfase com que se afirma a idéia da História como processo contínuo. Infelizmente, êste último traço é prejudicado pela intolerância para com os autores de cujas opiniões discorda o Prof. Bark, o que nos sugere acreditar êle na possibilidade de se estabelecerem juízos absolutos, num campo em que tais juízos só podem ser determinados pelas condições do tempo, em constante mutação.

**PEDRO MOACYR CAMPOS**

\*

\* \*

YUSFRAN (Pablo Max). — **La Expedicion Norte Americana contra el Paraguay, 1858-1859**. Editorial Guaranía. México. 1954-1958. 2 volumes. 263 + 278 pp.

Sob o título: **La Expedicion Norte Americana contra el Paraguay 1858-1859**, o historiador Pablo Max Yusfran, da **The University of Texas**, apresenta-nos sua obra em dois volumes, o primeiro publica-

do em 1954 e o segundo em 1958, pela Editorial Guaranía — México — B. A.

A obra gira em torno de uma expedição de vinte navios armados que os Estados Unidos lançou contra o Paraguai em 1859, seus antecedentes e conseqüências.

“La division, pues, se componía en total de veinte unidades: once vapores y nueve veleros. Respecto a su tripulación y potencia de fuego, el secretario de Marina sólo consignó en su memoria de 1859 la dotación general de 2.500 hombres y 200 cañones, sin especificar a cuánto montaba el personal de cada barco...” (1).

Como o autor diz no prefácio do primeiro volume:

...“hoy en día, aun entre los mas autorizados y eruditos historiadores e internacionalistas americanos, tanto del norte como del sur, solo se encuentra alguna breve alusion a ella, com pocas excepciones” (2).

Devemos confirmar que tem razão, pois é um tema pouco conhecido e raramente citado pelos historiadores.

No primeiro volume o autor inicia sua exposição dando-nos uma ótima visão panorâmica da situação político-diplomática do Rio da Prata no ano de 1845 (3), onde encontramos as antigas colônias de Espanha, agora independentes, lutando pela sua estabilidade político-econômica, ao mesmo tempo que as grandes potências da época procuram defender os seus interesses comerciais na região. O autor fez um estudo geral da situação ao lado de estudos particulares dos principais personagens envolvidos na trama político-diplomática.

Em seguida o autor passa a descrever os contactos do Paraguai com os diplomatas das diversas potências interessadas em manter contratos comerciais com aquele país, as negociações de reconhecimento da independência do mesmo país e o surgimento do primeiro agente oficial norte-americano no Paraguai, Edward Augustus Hopkins, cujas aventuras iriam ocasionar todos os incidentes que a obra estuda (4).

Envolvendo-se ilicitamente nas negociações internacionais que se realizavam então no Paraguai e nos países circunvizinhos, Hopkins irá causar inúmeros contratempos e acabará por fugir após um atrito com o presidente Rosas (5).

Depois tentará criar um congresso hispano-americano que o autor chama de “Un Panamericanismo Prematuro” (6), e julga que:

“Esta iniciativa, por extravagante o extemporânea que apareciera entonces, revelaba en su jóven autor una clara intuición. El movimiento panamericano contemporáneo, como realización práctica, no se aparta en sus lineamentos generales del esbozo trazado por él un siglo atrás” (7).

---

(1). — Vol. II, cap. XV, pág. 37.

(2). — Vol. I, Prefácio, pág. 13.

(3). — Vol. I, Introdução, pág. 17.

(4). — Vol. I, cap. I, pág. 41; cap. II, pág. 63.

(5). — Vol. I, cap. III, pág. 73.

(6). — Vol. I, cap. IV.

(7). — Vol. I, cap. IV, pág. 88.

Hopkins após inúmeras tentativas de ismiscuir-se e tirar proveitos das negociações que o Paraguai mantinha com os países seus vizinhos e as grandes potências, vai aos Estados Unidos da América do Norte, consegue o título de Cônsul norte-americano no Paraguai, e funda a **The United States and Paraguay Navigation Company**, companhia que deveria explorar a navegação e

“Se dedicaría también a la exportación de madera aserrada y a la elaboración y exportación de cigarros, aparte de otras industrias que se organizarían subsecuentemente, como refinamientos de azúcar, extracción de aceites, destilación de alcoholes, fabricación de ladrillos, desmote mecanico de algodón, etc.” (8).

Os Estados Unidos conseguem firmar alguns tratados comerciais com o Paraguai mediante o seu reconhecimento da independência daquele país (9). Mas a situação torna-se tensa entre o Presidente Carlos Antonio Lopez e o Cônsul norte-americano e termina pela ruptura entre os dois personagens, a expulsão do Cônsul e canhoneio do vapor norte-americano **Water Witch** pela bateria de Itapirú (10).

Êstes acontecimentos levaram o Paraguai a não aceitar a ratificação dos tratados de reconhecimento de sua independência com os Estados Unidos, e o lançamento de uma expedição armada contra o Paraguai por aquêle país, sob o pretexto de salvaguardar a honra da nação e exigir uma indenização que cobrisse os pretendidos prejuizos da Cia. de Navegação, que não podia mais continuar suas atividades, pois o seu representante máximo, isto é, Hopkins fôra expulso do Paraguai. Fatos êstes estudados no volume II.

Inicia o autor o segundo volume mostrando os meios pelos quais a Companhia de Navegação aliada ao Presidente James Buchanam, sucessor de Franklin Pierce, procurou levar o Senado a aprovar um projeto de intervenção armada no Paraguai (11), as discussões entre as diversas posições, e a vitória final dos Partidários do Presidente por meio de um golpe: o **lobbying**.

“La compañía de Rhode Island no descuidó de lubricar este engranaje e invirtió en el “lobbying” miles de dólares, según declaró uno de sus abogados, en el esfuerzo de convencer a los senadores de la necesidad de autorizar la expedición contra Lopez...” (12).

Depois de transpostas as dificuldades oficiais organizou-se a esquadra, organização esta que proporcionou bons lucros aos políticos desonestos, e preparou-se a oficialidade, inclusive as instruções para o comissionado civil que iria ao Paraguai resolver a pendência, Juiz James Butler Bowlin, e as ordens do comandante da expedição armada, Comodoro Willian Branford Shubrick (13).

Passa o autor nos capítulos seguintes a estudar a posição do Paraguai ante os acontecimentos. A viagem da frota, as negociações

(8). — Vol. I, cap. VII, pág. 129.

(9). — Vol. I, cap. VIII, pág. 143.

(10). — Vol. I, cap. X, pág. 175; cap. XI, pág. 189; cap. XII, pág. 205.

(11). — Vol. II, cap. XIV, pág. 18.

(12). — Vol. II, cap. XIV, pág. 31.

(13). — Vol. II, cap. XV, pág. 35.

do Presidente Carlos Antonio Lopez com o comissionado Juiz Bowlin, a intervenção dos países sulamericanos nas negociações, e o importante papel que desempenhou o Presidente Urquiza, vizando seus interesses políticos, levando as negociações a feliz término (14). A frota norte-americana voltou para o Atlântico sem que a temida invasão às águas paraguaias se consumasse.

Termina o autor a obra com um minucioso estudo do arbitramento a que foi levada a questão da indenização que a Cia. de Navegação exigiu, revelando neste estudo jurídico-diplomático tanto o lado oficial como o lado secreto da luta de bastidores.

O autor encaminhou sua obra segundo um sentido que, a seu ver, é o sentido verdadeiro dos acontecimentos por êle estudado. No primeiro volume o autor defende a tese de que a fundação e o fracasso da Cia. de Comércio deveu-se exclusivamente às atitudes irresponsáveis do agente norte-americano Hopkins, e ao temperamento autocrata e incontrolado do Presidente Antonio Lopez, que ante aos desmandos irreverentes de Hopkins não pôde conter-se, não procurando levar a solução do caso para as vias oficiais, mas sim, usou o método direto e pessoal de expulsão do então indesejável Cônsul norte-americano no Paraguai, Hopkins.

O autor descreve, e documenta profusamente, os atos de Hopkins no Paraguai, procurando sempre pôr em evidência sua irresponsabilidade:

“Paradójicamente, los tres primeros actos de aproximación — entre los Estados Unidos y el Paraguay — el tratado de 4 de marzo, el nombramiento de Hopkins como Cónsul, y la expedición del Water Witch, que buscaban promover y cimentar en los hechos la amistad y la confianza recíproca de los dos países, sirvieron más bien para crear desinteligencias y agravios y llevar a ambos al borde de una conflagración, y así como la iniciativa de aquellos actos nació de Hopkins, así también el imprudente chispazo ereó el peligro de incendio partió de él, para propagar-se em una reacción de cadena que felizmente se detuvo antes de producir efectos irreparables” (15).

Assim vimos que foi devido a um mero acidente, sem maior importância, que Hopkins, que já pisava um terreno mal preparado por êle mesmo, criou um impasse que terminaria com o incidente do bombardeamento do vapor norte-americano **Water Witch** pelas baterias de Itapirú.

“El mero castigo del soldado Agustín Silvero, presuntamente único culpable, no apagaría la sed de represalias que le acosó desde que supo el percance de Clemente. Eduardo necesitaba un desquite resonante para amortiguar su rabia, algo así como la humillación colectiva del Paraguay, porque en su dialéctica afiebrada era el Paraguay entero el que estaba enjuiciado por haber engendrado la alimaña que se permitió santiguar un planazo el lomb prócer de su hermano. Y bajo la influencia de tamaño desvarío, dejó de obrar con el discernimiento de un hombre enfadado pero responsable, para proceder con los arranques de un frenético” (16).

(14). — Vol. II, caps. XX e XXI.

(15). — Vol. I, cap. X, pág. 175.

(16). — Vol. I, cap. X, pág. 180.

O juiz do arbitramento para julgar se as exigências de indenizações que a Cia. fazia eram verdadeiras ou não, foi Cave Johnson, companheiro e amigo do Presidente Buchanan. O juiz foi imparcial, e ante as evidências deu ganho de causa ao Paraguai (17). No documento oficial que comprovou êste ato, o juiz procurou evidenciar que:

“Por lo que puede saberse, Mr. Hopkins y sus asociados jamás pensaron que su arrogancia y presunción, su conducta altanera y dominadora, su lenguaje contra el gobierno y sus funcionarios, acusatorio u violento, estaban calculados para despertar los sentimientos hostiles del pueblo contra ellos y producir las molestias de que quejaban” (18).

A farta documentação apresentada pelo autor nos indica que a responsabilidade dos infelizes acontecimentos cabem realmente a Hopkins.

No segundo volume, que trata da expedição e de suas consequências, o autor procura comprovar que a expedição foi realizada devido à falta de parcialidade do Presidente Buchanan,

“Habría razón para suponer que, al adoptar tan extremosa medida, no sólo se inspirase en las conveniencias inmediatas del país que entraba a gobernar, sino también en motivos más directamente personales. Buchanan cargaba con su lote de responsabilidad en el resultado poco airoso de la misión de Hopkins al Paraguay en 1845” (19).

a questão de honra que exigia uma satisfação do Paraguai,

“Una de esas cuestiones, el “insulto a la bandera”, era la suscitada por el episodio de Itapirú, siempre de acuerdo con los partes e informes de la oficialidad del Water Witch” (20).

à política autocrática do Presidente Carlos Antonio Lopez,

“...y en esta combinación de autocracia y monopolio, reforzada por el carácter peculiar de López, se originaron las dificultades con los Estados Unidos” (21).

e o receio que os Estados Unidos tinham de que as grandes potências européias se apossassem das vantagens comerciais que o Paraguai oferecia,

“...López impulsa más y más su comercio con Inglaterra: frente a “ocho vapores construídos en Inglaterra o por mecánicos ingleses e nel Paraguay, y manejados por maquinistas ingleses, no se ha visto en el Paraguay, en los últimos cuatro años — con una sola excepción —, ninguna bandera o ningún ciudadano americanos” (22).

Pelo que foi exposto podemos sintetizar a tese da obra da seguinte maneira: o Paraguai foi vítima do ataque norte-americano devido à irresponsabilidade dos aventureiros ambiciosos de fazer fortuna a qualquer preço, aos interesses escusos de uma minoria política dentro dos Estados Unidos da América do Norte e à pouca experiência diplomática da nascente república sulamericana.

(17). — Vol. II, Apêndice VI, pág. 218.

(18). — Vol. II, Apêndice VI, pág. 239.

(19). — Vol. II, cap. XIV, pág. 17.

(20). — Vol. II, cap. XIV, pág. 19.

(21). — Vol. II, cap. XIV, pág. 22.

(22). — Vol. II, cap. XIV, pág. 22.

O autor nos apresenta a sua obra de maneira perfeitamente ordenada, nos dando a seqüência cronológica dos acontecimentos com perfeição, e não deixando nunca de acompanhar o minucioso estudo dos acontecimentos locais com uma visão de conjunto no plano internacional. Toda a sua obra é amplamente documentada com numerosas inclusões de trechos dos documentos e das demais fontes consultadas. As notas de rodapé aparecem com profusão no final de cada capítulo, são várias páginas de informações sobre as fontes consultadas, estudos dos personagens e acontecimentos de menor importância, esclarecimentos sobre termos empregados, etc., etc. No final do segundo volume encontramos um capítulo intitulado **Fuentes consultadas**, é por essa lista que nós podemos avaliar o intenso trabalho do autor: foram percorridos arquivos, publicações oficiais, jornais, bibliotecas oficiais e particulares, mapotecas, etc., dos inúmeros países americanos envolvidos naqueles acontecimentos. Trata-se de um amplo trabalho que quase nada deixa para ser estudado. Além de ser uma obra de estudo e interpretação histórica é também um inestimável exemplo de pesquisa e método de análise histórica. Trata-se de um assunto pouco conhecido, apresentado de maneira despretensiosa e amena num estilo simples e acessível a todos.

**VIVALDO WENCESLÁU FLÔR DAGLIONE**

\*

\* \*

SOUSA (Octávio Tarquínio de). — **História dos fundadores do Império do Brasil**, Coleção Documentos Brasileiros. Livraria José Olímpio Editora. 10 volumes. Rio de Janeiro, 1957.

Não são muitos os historiadores brasileiro que, senhores de um conjunto de obras, dedicaram-se a apenas um período ou um capítulo da História do Brasil, em estudos monográficos de grande porte. Deu-se isso, por exemplo, com Afonso de E. Taunay, que vasculhou o bandeirantismo e todo um ciclo de nossa economia, além de ter, também, em obras menores, estudado a história da cidade de São Paulo e outros vários assuntos. Aliás, o autor de **Visitantes do Brasil Colonial** teve, de certa maneira, pela vastidão de sua obra, um quê de enciclopédico dentro de nossa história. Os nossos antigos historiadores eram mais dos levantamentos ou sínteses gerais de nossa história, como Varnhagen. Modernamente, temo conhecimento de estudos sobre temas diversos, como é o caso dos Srs. Hélio Vianna, Alfredo Ellis Júnior, ainda que se atendo aos temas paulistas, Pedro Calmon, José Honório Rodrigues, etc.

Exemplo de conjunto de obras, reunidas agora em única edição, revistas e aumentadas, temos com o Sr. Octávio Tarquínio de Sousa, que apresenta cerca de cinco biografias dos pró-homens do Império e dois estudos de acontecimentos em torno do mesmo regime, num levantamento minudente de uma fase importantíssima da História do Brasil, pela evolução e mesmo precipitação de certos acontecimentos, como e paradoxalmente, pela exata compreensão a que se pode

chegar do longo processo da Independência, que conseqüentemente fundaria o Império e que revelaria algumas figuras de prol, principalmente na oportunidade das Regências.\*

Já apontado como **clássico** pela critica, êsse historiador nos dá ensêjo, com esta edição, de apreciarmos os mais completos estudos, que se fizeram entre nós, sôbre os fundamentos do chamado I Império: os que êle realizou mediante um exaustivo labor de pesquisa, de bibliografia tombada e de grande documentário compulsado. Nesse sentido, o historiador procurou recortar as **figuras**, para entender os **acontecimentos**. Seria, metodolôgicamente, essa a maneira certa de perlustrar a realidade histórica? E' uma pergunta ainda de difficil resposta no caso mais complexo do I Império, encarados aí os  **fatos históricos**, o que talvez já não acontecesse num estudo das Regências ou do próprio advento da República, que nos traz à lembrança a precariedade de estudos que existem sôbre os seus homens de prol, observação que fizemos ainda há pouco no ensêjo da leitura da biografia, que o Sr. Raimundo Magalhães Júnior fêz do Marechal Deodoro. A bibliografia republicana, perde na biografia dos seus feitores, para os estudos da época imperial, que são mais completos e em maior número.

O Sr. Octávio Tarquínio adotou, como vimos, ou foi levado pelo encaminhamento natural dos seus estudos e preferências, a fazer êste trajeto: do **homem público** para a **História**, e não desta em função para compreender os seus homens públicos. Entretanto, convimos que não jungiu os fundamentos da História ao determinismo da ação dos seus homens.

Serviu-se de ambos os têrmos: **Homem e História**, apenas no sentido da trajetória, que apontamos na teoria dos seus estudos. Colocando os seus "biografados" nas exatas dimensões do perspéctivo histórico, sem qualquer laivo de um personalismo, fácil de ser involuntariamente atingido num estudo como êste, o autor coloca antes os seus retratados nos lugares, que lhes foram próprios, conseguindo com isenção eqüidistar-se da problemática filosófica, que poderia prejudicar o conjunto dos seus estudos, impedindo, então, a realização dêste monumento a que chegou com a edição da **História dos Fundadores do Império do Brasil**.

Conceitua, e muito bem, o autor na sua Introdução, que a História não é "uma vasta coleção de biografias", lembrando a **dimensão histórica** da personalidade humana. A isto aliar-se-iam os fatôres circunstanciais, que formam o que chamariamos **complexo** do processo histórico, cujas molas estariam jungidas à **ciência**, à **técnica** e à **economia**, que dariam, em última instância, a **civilização**, para um estudo de comportamento e temperamento.

Em desabôno de um pragmatismo histórico, preferindo, com acêrto, inclinar-se para o que os teóricos da História, chamam de **genético**, pelo que estuda na causalidade da fenomenologia histórica, numa motivação orgânica, o biógrafo de José Bonifácio realizou o aconselhável, isto é, não isolar os vultos por êle estudados dos fatôres mesolôgicos de cada **momento histórico** ou mesmo dos atos humanos dentro

da perspectiva temporânea, incorporando, dessa maneira, os seus “biografados” no grande capítulo de nossa História, cujos fundamentos estudou. Assim, estabeleceu **êle** as grandes linhas, que se entretecem na fundação do Império. Outra não poderia ser a maneira de operar, desde que foram estudados os pró-homens do Império, cujas decisões e atos consolidaram o longo **processo** da Independência e fundamentaram os primeiros passos da nova nação, que se criava. Daí a inquestionável importância desta série de biografias: José Bonifácio, D. Pedro I, Bernardo Pereira de Vasconcelos, Evaristo da Veiga e Diogo Antônio Feijó, que acabaram por completar-se na **visão de conjunto**, que se quis dar do alvorecer do Império, com os estudos “Três Golpes de Estado” e “Fatos e Personagens em tórno de um regime”. Assim, chegou o autor ao que **êle** próprio aponta como “espírito” daquela época, referindo-se aos grandes homens que retratou, na conexão do **momento histórico** em que viveram.

E quem seriam aquêles homens, que se avultaram no processo de emancipação? Justamente, os que pela sua **posição social**, saídos de diferentes camadas econômicas e sociais, e pela sua **procedência**, de diferentes Estados e da Córte, dariam um sentido da consolidação da **consciência nacional**, cuja tomada de tento vinha se apressando desde os atos de D. João VI beneficiando os interesses brasileiros. Eis os Homens: um príncipe português, que se abrazeou, um **paulista** de espírito superior, versado em ciências e conhecedor do mundo, um **mineiro** desconhecido, mas acendrado nos princípios e na doutrina, um **carioca**, balconista de livraria, que se torna o primeiro jornalista do Império e um **padre de ferro**, saído da província paulista.

Na elucidativa **Introdução** que prepôs à sua obra, o Sr. Octávio Tarquínio de Sousa expõe o seu plano de trabalho, o critério utilizado, e enfileira esclarecimentos, que a tornam uma das mais “didáticas” (se assim pudermos falar) das que temos lido. A resenha que o autor procede aí acaba por realizar uma bem laborada **exegese** do processo da Independência.

Esta **História dos Fundadores do Império do Brasil** reúne livros já publicados e independentes, que entretanto, nesta edição, revelam a sua grande **unidade**, que nasce da focalização de ângulos diferentes, por várias vèzes, de um mesmo episódio, o que torna esta obra uma das mais originais e profundas, no sentido das diferentes perspectivas num mesmo estudo, que temos em nossa bibliografia. Aliás, nenhum dos historiadores que antecederam o Sr. Octávio Tarquínio, no estudo do I Império, como Varnhagen, Pedro Calmon, Hélio Viana, Nelson Werneck Sodré, Luís Francisco da Veiga, Oliveira Lima, Américo Brasiliense, Alberto Rangel, Castro Carreira, João Pandiá Calógeras, A. J. de Melo Moraes, Tobias Monteiro, Primitivo Moacir e outros tantos, bem como, autores, que se preocuparam em retratar o Império, como cenário de acontecimentos e figuras que tiveram lugar nessa época, como Joaquim Nabuco e Rui Barbosa, o fizeram com tal extensão e profundidade.

A essas inúmeras qualidades, resta ainda a **formação literária** do Sr. Octávio Tarquínio, conhecida de todos nós e já acentuada pelo Prof. Wilson Martins, que lhe permitiu a disciplina da imaginação e o **écran**, que compõem as qualidades necessárias do bom biógrafo. Por essa desenvoltura literária, além de escrever bem, de maneira atraente, o historiador nos leva, com fluência, a surpreender os quase-nadas das individualidades retratadas, que se nos afiguravam, muitas vêzes, **intocáveis**. Nesse sentido, razões sobram ao próprio historiador em proclamar a aproximação do escritor ao artista na laboração da biografia.

Estas são as notas iniciais, que apontamos, ao principiarmos a leitura desta grande obra. Sôbre os seus vários volumes, com o vagar necessário, voltaremos oportunamente.

**JOSE' ROBERTO DO AMARAL LAPA**